

**História, literatura e mercado literário na Bahia oitocentista:  
o projeto de Anna Ribeiro Góes Bittencourt**

**Resumo**

Graduado em História e  
Mestrando em Estudo de  
Linguagens pela UNEB.  
historiadormarcelo@bol.com.br  
professormarcelo@yahoo.com.br

A Bahia nos fins do século XIX enfrentou várias transformações sociais e econômicas que provocaram o declínio da elite agrária do Recôncavo, composta por senhores de engenho. Nesse período Anna Ribeiro, uma senhora de engenho, pertencente a uma das famílias mais tradicionais e poderosas da Bahia, ousou a colocar em execução um projeto literário com fins de combater as "novidades vindas fora" e, não apenas isso, também de reafirmar a identidade da elite a qual pertencia. Para isso, Anna Ribeiro soube se utilizar do mercado editorial baiano de então, além de transitar de maneira hábil no seio do cânon literário dominante. Esse artigo se propõe a fazer uma análise da atuação dessa escritora dentro desse contexto. Para isso são analisados prólogos, prefácios e dedicatórias de seus romances, além de manuscritos e críticas de literatos da época, pontuando sua atuação em vários periódicos do período.

**Palavras-chave:** História. Literatura. Mercado literário.

**Abstract**

Bahia in the ends of the century XIX faced several social and economical transformations that they provoked the decline of the agrarian elite of the Bay area, composed by plantation owners. In that period Anna Ribeiro, a mill lady, belonging to one of the most traditional and powerful families of Bahia, dared to put in execution a literary project with ends of combatting the "innovations arrivals out" and, not just that, also of reaffirming the identity of the elite which belonged. For that, Anna Ribeiro knew how to use of the market editorial from Bahia of then, besides in a skilled way in the breast of the dominant literary canon. That article intends to do an analysis of that writer's performance inside of that context. For that prologues, forewords and dedications of their romances are analyzed, besides manuscripts and you criticize of writers of the

time, punctuating her performance in several newspapers of the period.

**Key-words:** History. Literature. Literary market.

O cânone literário sempre se manteve alheio à produção que não se enquadrasse nos projetos hegemônicos impostos pela cultura dominante. Eurídice Figueredo (2005) reitera que, no Brasil, um projeto de nação fomentado ainda no século XIX, instituiu um cânon que se sobrepôs as várias expressões das literaturas regionais e locais, além de tentar excluir os autores que não se enquadrassem dentro dos padrões estabelecidos. Um cânon que surgiu em função da ideologia dominante, para garantir um projeto de nação nos moldes europeus, centrado nos estados brasileiros do centro-sul e voltado para os seus interesses.

Para Nancy Vieira Fontes (1999), a Bahia do século XIX, não entrou no projeto de nação brasileira, principalmente no início da República. O cânon literário brasileiro que passou para a história pertencia ao eixo localizado no centro-sul do país, deixando para trás inúmeros autores também brasileiros das diversas regiões e localidades. Na Bahia, o grupo a que pertencia Afrânio Peixoto, Almanachio Diniz, Fabio Lopes e Xavier Marques, se deteve a escrever uma prosa regionalista de influência realista ou, por vezes, a assumir o estilo romântico que predominou no decorrer dos oitocentos e que era bastante difundido dentro do estado, mas, que por se diferenciar dos padrões do centro hegemônico permaneceu no ostracismo literário.

Também nesse período, buscando o seu espaço, algumas mulheres transpuseram essas barreiras, lançando-se no mundo das letras, arriscando-se a publicar textos romanescos e poéticos. Esse grupo se atreveu a entrar no mercado literário de então, ousando-se também a tentar constituir um público alvo e uma literatura distinta das demais produzidas na região, embora também influenciada pela literatura européia. Foi o caso de Amélia Rodrigues, Adelaide de Castro Alves e Anna Ribeiro (ALVES, 1997). Esta última foi considerada pela crítica como a primeira romancista baiana, produzindo e publicando uma vasta obra. Mostrar sua atuação no cenário literário baiano nos fins dos oitocentos é o objetivo desse artigo.

Anna Ribeiro de Araújo Góes nasceu em 1843, na vila baiana de Itapicuru, mudando-se com os pais para a freguesia de Sant'anna do Catu no Recôncavo baiano ainda menina. Pertencente a uma das mais conceituadas e antigas famílias da província baiana, que era considerada nas palavras da própria Anna Ribeiro como “uma espécie de aristocracia formada pela classe muito considerada dos senhores de engenho, que era segunda nobreza do país, como era na França a magistratura” (BITTENCOURT, 1992: 1).

A realidade de Anna Ribeiro foi bem típica de uma sociedade patriarcal e agrária: escravos, engenhos, barões (era sobrinha e prima de três dos mais poderosos e abastados da região), igreja... Esposa dedicada do médico e senhor de engenho Sócrates Bittencourt, primeiro Intendente de Santana do Catu, empenhou-se em cuidar de seus três filhos, de seu pai e dos serviços domésticos juntos aos dos escravos. Anna Ribeiro pode ser considerada uma típica representante da elite feminina do recôncavo baiano no século XIX. Escritora hábil e detalhista se dedicava a

produzir textos para as jovens “sinhazinhas” de seu tempo.

Anna Ribeiro pode ser considerada uma típica representante da elite do recôncavo baiano no século XIX. Foi a primeira romancista baiana, num período em que o cânone literário baiano e brasileiro era dominado por homens. Essa escritora se propôs a produzir textos literários com o intuito de orientar suas conterrâneas nos caminhos da “moral” e dos “bons costumes”. Escreveu artigos para vários periódicos da época destacando-se o *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro* e a *Paladina do Lar*. A obra de Anna Ribeiro é vasta e diversificada. Nancy Rita Vieira Fontes classifica sua produção literária da seguinte forma: romances sagrados - *A Filha de Jephthé* (1882) e *Abigail* (1921) – e romances profanos – *O anjo do perdão* (1885), *Helena* (1901), *Lúcia* (1903), *Leticia* (1908) e *Suzana* (Inédito) Ribeiro também produziu um livro de memórias intitulado *Longos Serões do Campo* (1992). Produziu ainda aproximadamente seis contos, dezessete poemas, três hinos religiosos e dezessete artigos. Além de quatro manuscritos na área da crítica literária.

Vários literatos destacaram a importância de Anna Ribeiro para a literatura, como é o caso de Almanachio de Diniz, Augusto Machado, Thales de Azevedo, Carlos Eduardo da Rocha, em ocasião do cinquentenário da morte da escritora. Alguns pesquisadores se detiveram à análise da produção literária feminina no Brasil oitocentista, citando D. Anna como exemplo. Nos anais da Academia de Letras da Bahia estão registrados alguns discursos onde esses e outros imortais não pouparam deferências em relação ao Anna Ribeiro e destacando sua importância no cenário da prosa baiana dos fins dos oitocentos e início dos novecentos, além de destacar sua atuação dentro da produção voltada para defesa da moral e na luta contra as “inovações”. No entanto, a pesquisa mais completa sobre a autora foi realizada por Nancy Rita Vieira Fontes em sua dissertação de mestrado *A Bela esquecida das Letras Baianas: a obra de Anna Ribeiro* onde a pesquisadora faz o levantamento e classificação da produção literária da obra da autora. Para Fontes, os romances de Anna Ribeiro têm um valor pedagógico onde as histórias têm a função de mostrar às jovens a necessidade de conservar os “valores e os bons costumes” através de lições de moral explicitamente evocadas em seus escritos. Entretanto, uma análise mais detalhada desses textos revela que mais do que um projeto literário de fins meramente educativos, a literatura de Anna Ribeiro buscava uma afirmação identitária frente, as mudanças sociais e econômicas que a Bahia estava passando nos fins do século XIX.

A província baiana nesse momento passou por um processo social e político que permeou uma mudança de comportamento na elite feminina sendo que a literatura para moças teve um papel preponderante nessa questão. Segundo Gilberto Freire, (2004) a segunda metade do século XIX é marcada pela decadência do patriarcado rural<sup>1</sup> que se consolidara nas casas grandes e fazendas. A crise econômica das atividades agro-exportadoras, sobretudo a canavieira, levou vários membros da elite a cursarem um curso superior nas capitais, a exemplo dos cursos de medicina, engenharia, farmácia e direito. As idas a capital se tornaram cada vez mais frequentes

---

1. O conceito aqui expresso se remete a estrutura família centrada onde o senhor de engenho reside permanentemente em suas terras, cercado pela mulher, filhos, grupo frequentemente ampliado pela presença não só de parentes, mais ou menos, próximos – pai, mãe, irmãos, primos – como de afilhados e até de filhos bastardos. Além de agregados e escravos. MATTOSO. Kátia M. de Queirós. Bahia século XIX: Uma Província no império. 2ª Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1992. p.188-192, p.592.

estabelecendo contatos crescentes com os ambientes urbanos. As transformações políticas e sociais desse período foram marcadas por acontecimentos como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Tal processo foi acompanhado pelo desejo das elites baianas de aderirem ao projeto de “civilidade” européia para a fomentação do projeto de nação brasileira ao passo em que as mesmas perdiam força no cenário nacional e mesmo regional.

Além das dificuldades no cenário econômico e social, a sociedade baiana dos fins do século XIX, teve que lidar com as idéias e doutrinas vindas da Europa e dos EUA. Doutrinas como o liberalismo, o positivismo, o protestantismo, o espiritismo e outras tantas começaram a ser difundidas nos meios de comunicação baianos, o que gerou protestos da elite baiana, sobretudo da elite feminina, a quem a igreja atribuía o papel de baluarte da “moral e dos bons costumes”, restituindo o mês de Maria e o culto mariano com o intuito de formalizar às mulheres as funções de protetoras do lar, da família e da sociedade<sup>2</sup>. Católica fervorosa, Anna Ribeiro inscreveu os valores marianistas em vários de suas personagens, a exemplo da jovem Letícia, protagonista do romance de mesmo nome publicado em Salvador em 1908. Letícia é um exemplo de um estilo de vida, onde a mulher é inscrita como guardiã do lar e da sociedade. Admirada por todos Letícia é caracterizada como uma mulher de caráter irretocável e de uma santidade divinal que lembra em muito a própria Virgem Maria. Ela é encarregada de socorrer o pai – o senhor de engenho senhor Travassos - no leito de morte, mesmo com a incompreensão do marido e também de cuidar do mesmo quando adoece e é abandonado pela amante por quem abandonou a nobre esposa. Tratando-o com todo o respeito que se deve a um marido Letícia sempre recebe em sua casa mesmo sabendo que ele vive uma “paixão infame” com a devassa atriz Edelvira. No final da trama, Eurico se arrepende e volta ao seio do lar implorando o perdão da esposa, ao afirmar: “- Letícia, tens razão em não me acreditar, conheço a profundidade do abismo onde cai e do qual tua mão redentora me tirou” (BITENCOURT, 1908: 204). Mesmo sem perdoar de início por pensar que o rapaz apenas queria retribuir os cuidados dispensados por ela. Letícia por fim o perdoa. A própria narradora se encarrega de anunciar o desfecho, onde o “Mancebo, louco de jubilo lançou-se aos pés da esposa beijando-lhe as mãos, não com amor, mas com a adoração que o verdadeiro crente consagra a uma divindade” (Idem: 206).

Roger Chartier, (1994) afirma que o livro procura instaurar uma ordem, mesmo que caiba ao leitor atribuir-lhe significados. A intenção de convencer suas jovens leitoras desse papel levou Anna Ribeiro a “missão” de educá-las através da literatura. No prólogo de Letícia os termos utilizados por ela ao referir-se aos objetivos do livro são bem alusivos: “Neste romance procuro demonstrar...”, “finalmente procuro provar...”. Em sua missão Anna Ribeiro propõe a instituição de modelos expressos em suas histórias que levassem as moças um referencial de comportamento. Dentro das mudanças que a elite rural baiana enfrentava no final do século XIX, ela irá representar o papel da mulher para a manutenção de determinados padrões mínimos dentro desse contexto. Tendo contraditoriamente que sair do âmbito privado ao público para a militância de defesa das mulheres e homens de “bem”.

---

2. A esse respeito ver REIS, Adriana Dantas. *Corã: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000.

O momento de instabilidade identitária vivida pela elite, levou a classe dominante a se utilizar de todos os instrumentos possíveis para defender a sua posição na hierarquia social. Michael Pollak (1992) afirma que a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. Na busca pela defesa da moral e dos bons costumes Anna Ribeiro, põe em prática um projeto literário que tem por objetivos não só orientar as moças pertencentes ao seu grupo social, mas, reafirmar a identidade desse grupo que durante todo o século XIX se deteve na hegemonia no cenário baiano impondo uma ideologia paternalista que reafirmava uma posição de destaque perante a sociedade baiana a classe senhorial do Recôncavo. Os artigos publicados nas revistas femininas da capital fazem apologia contrária a todos os discursos que vieram de frente ao ideal de sociedade senhorial. Em um artigo intitulado *A propaganda do protestantismo*, a autora critica as seitas protestantes e atribui o seu crescimento a falta de assistência que os pais – principalmente as mães – estavam dando aos filhos na sua educação.

O projeto literário de Anna Ribeiro, ao contrário do que possa pensar, foi muito bem articulado e executado, sempre de acordo com as regras do mercado editorial vigentes na Bahia no último quartel do século XIX. A autora, durante toda sua trajetória literária, que durou até meados do século XX, acompanhou as tendências editoriais baianas de seu tempo. O seu primeiro romance – *o Anjo do Pedrão* (1882) – foi prefaciado pelo Visconde de Taunay, a pedido do primo da autora, o barão de Araújo Góis, fato que evidencia a necessidade de um “padrinho” literário para validar a produção de uma mulher nessa época. Interessante observar que em nota ao o barão de Araújo Góes ele declara “ser o primeiro romance de Anna Ribeiro muito complexo para o seu público alvo”, ou seja, as mulheres e sugere que “ela escreva sobre temas mais fáceis que fale ao coração do povo”. As palavras de Taunay parecem ser um conselho para que a nova autora explorasse o regionalismo como estratégia de identificação com o leitor, conseguindo assim se manter na carreira literária. O autor de *Inocência* estava também fornecendo um meio de inserção da nova escritora no cenário literário. Ciente de como executar seu projeto, ela tanto se utilizou dessa como de outras estratégias de aceitação. Algumas hoje, pouco compreendidas, por obedecerem à outra lógica de vida e de atuação social.

Roger Chartier (2001) assevera que cada livro tem uma vontade de divulgação, dirige-se a um mercado, a um público, e deve circular e ganhar extensão. Para isso ele conta de um lado com o autor, e por vezes com o editor, que visa impor explicitamente maneiras de ler, códigos de leitura. Esses códigos de leituras se apresentam das mais diversas formas e buscam identificar o leitor com a leitura fazendo com que esse ascenda àquela. Eles vão desde a estruturação da publicação (em forma de volume ou folhetim, por exemplo), passando por formas de orientar a leitura dos textos (prefácios, prólogos e epílogos, notas de rodapé, autógrafos e dedicatórias) até estratégias ideológicas de inserção no meio literário. Anna Ribeiro soube se utilizar de todas elas.

Não obstante, a primeira romancista baiana a ter, aparentemente, ouvido o conselho do seu padrinho literário, publicando em seguida *Anjos do Perdão*, folhetim ambientado no cotidiano do

Recôncavo baiano dos oitocentos, outra estratégia da escritora das sinhazinhas era de não definir seu “estilo literário” buscando com isso fugir das críticas direcionadas e adotando ao mesmo tempo apenas aspectos das correntes literárias românticas e realistas conforme a necessidade do cumprimento de seus objetivos. Ao indicar as suas “as suas patrícias” “conselhos” que suscitem a “moral” e os “bons costumes” a autora busca uma identificação com as mesmas, Na dedicatória da *Letícia*, Anna Ribeiro oferece a sua prima Maria Joana de Araújo Góes e no prólogo do mesmo romance:

Oferencendo-te e a teu esposo meu humilde trabalho dirijo-me em particular a ti. Não esperes encontrar nele grande mérito literário (...). Acharás, porém princípios de sã moral, bons exemplos tirados de fatos, nem todos imaginários e sim colhidos na experiência e observação (BITTENCOURT, 1908: I).

Não me dirijo aos homens repletos de conhecimentos científicos e literários (...). Falo a vós, minhas patrícias que, dotadas de inteligência e gosto não vos contentais com fúteis passatempos, e procurais a leitura amena e agradável diversão ao espírito, colhendo lições e preceitos (...). Não tenho pretensões a criar uma escola, o que seria incrível ousadia em vista da posição que ocupo no mundo das letras. Também, intencionalmente, jamais me filiei à escola alguma, porque isso é contrário a minha índole e gosto (Idem: V-VI).

A sua estratégia constituía-se numa opção por ocupar um mercado literário ainda não explorado pelos escritores baianos naquele período: o romance de formação para mulheres. Anna Ribeiro era uma mulher informada, que lia livros e revistas da Europa, Portugal e Brasil, e por isso tinha consciência das lacunas deixadas pelo mercado. A aparente despretenção em se “enquadrar” numa escola literária, como ela mesma afirmava, era uma opção de não invadir um mercado literário já definido e ocupado, por escritores do gênero masculino, que como se sabe, dominavam o cenário público naquele momento. Nada mais perspicaz e prudente do que criar o seu próprio público, - a elite feminina - quando o público já estabelecido - homens da elite - por questões do discurso dominante já tem um cânon literário definido. É preciso lembrar que a referida autora é uma mulher da elite típica do século XIX e que em sua visão, à mulher competia o papel de auxiliadora do homem, cabendo ao último o “cetro” da sociedade. Não se pode, no entanto, pensar em suas ações e forma de pensar a partir dos valores contemporâneos. Ainda assim, mulheres como Anna Ribeiro conheciam bem o mundo paternalista e patriarcal em que viviam, e por vezes, tracejavam dentro do mesmo para conseguir seus intentos, sem que para isso fossem ao encontro da ideologia dominante. No caso das mulheres da elite, é válido lembrar que elas não eram tão submissas quanto se pensava e que as mesmas sabiam como conseguir seus objetivos utilizando para isso o próprio discurso do dominador. A estratégia “humilde” de Anna Ribeiro para consolidar-se no cenário literário baiano é uma evidência disso. Seus romances “despretensiosos” foram sucesso de crítica. Tratava-se de uma mulher astuta e perspicaz que sabia no mundo em que se introduzia e sabia também como permear por ele. Almanachio Diniz, um dos maiores escritores da Bahia no século XIX, referindo-se a romancista do Recôncavo baiano tece comentários esclarecedores para o tema em questão:

Na Bahia, nesta terra estagnada e moritusa, ainda há quem cultive a literatura sem escândalos, modestamente, mas com superioridade de vistas.

Esta neste caso D. Anna Ribeiro de Góis Bittencourt, autora de várias novelas publicadas em folhetins de jornais desta capital e do bem mencionado romance “Letícia” com que abro essa série de ponderações críticas.

Num meio como o nosso de intrujices vindas nos porões dos navios de norte as sul do país, um romance aparecido com o fruto da terra é um acontecimento. E a crítica por mais vigorosa que entenda de certo, aponta defeitos em um livro que não tem similar para termo de comparação. Qual o romance de escritora baiana para entrar em comparação com “Letícia”? Louvado seja, portanto, quem trabalha em tempos como estes os meus aplausos a desinteressada constância nas letras que tem acentuadamente recomendado a Ins<sup>a</sup>. D. Anna Bittencourt (DINIZ, Almachio. *Comentários sobre o romance Letícia*. Material manuscrito).

A crítica de Diniz, não obstante ser uma referência a “pratas da casa”, e a valorização os escritores locais em detrimento dos de fora, é também uma alusão crítica da literatura realista e naturalista, ou mesmo romântica e um manifesto em favor da literatura de fins moralistas, campo em que segundo ele Anna Ribeiro atuava muito bem, sobre isso também se pronunciou Gilberto Freire, em Sobrados e Mucambos:

Bem dizia em 1885 Da. Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, ilustre colaboradora baiana do Almanaque de lembranças luso-brasileiro, alarmada com as tendências românticas das novas gerações – principalmente com as meninas fugindo de casa com os namorados – que convinha aos pais evitar as más influências junto ás pobres mocinhas. O mau teatro. Os maus romances. As más literaturas. Os romances de José de Alencar, por exemplo, com “certas cenas um pouco desnudas” e certos “perfis de mulheres altivas e caprichosas (...) que podem seduzir a uma jovem inexperiente, levando-a a querer imitar esses tipos inconvenientes na vida real (FREIRE, 2004; 249).

Ao mesmo tempo em que cumpria sua missão de preparar as senhorinhas de engenho para as mudanças processadas na Bahia no final dos oitocentos, Anna Ribeiro também explorava a demanda advinda da falta desse tipo de produção por parte dos escritores da Bahia naquele momento.

Outra estratégia de inserção de Anna Ribeiro no cenário literário baiano se percebe já na sua segunda publicação, quando utilizou outro artifício para alcançar seu público alvo: os folhetins, publicados nos rodapés de vários jornais da capital e do interior baiano. D. Anna provavelmente sabia que o mercado literário voltado para as mulheres era muito restrito, e por isso, voltou-se para as publicações folhetinescas em jornais, a princípio, voltados para o público masculino<sup>3</sup>. Entretanto, um jornal de grande circulação ao ser comprado, tem, em voga o alcance de vários leitores, sendo uma tática dos editores para aumentar as vendas. Trata-se de uma articulação de interesses mercadológicos bem delimitados e voltados para o consumo. Esses moldes seguiam tendências do mercado editorial Francês, que naquele período servia de modelo civilizacional para o Brasil, sobretudo a Bahia. Ainda no início da carreira literária da autora Augusto Blake fez um alusivo comentário sobre a entrada de D. Anna no mercado literário:

---

3. A historiadora Adriana Reis relata que em função das mudanças de comportamento na elite baiana que ocorreu a partir da segunda metade do século XIX, as mulheres da elite passaram por um processo de socialização, sendo que para isso surgiu um mercado editorial que publicava sugestões da moda e comportamento em sociedade (Idem).

(Anna Ribeiro) Deu-se desde jovem á literatura, não só de seu país como a francesa; cultivava a poesia, e achando um certo encanto na decifração de charadas e logogrifos, tem composto uma grande numero deles, e publicado alguns no Almanaque luso-brasileiro de 1880 a 1882, no Almanaque da Gazeta de Noticias da Bahia de 1883 (...). O anjo do perdão: escreveu a pedido de Antonio Lopes Cardoso e acaba de ser-lhe entregue para ser publicado na gazeta de Noticias da Bahia, em folhetins, e depois talvez seja impresso em volume (BLAKE, 1883: 94).

O romance *Anjos do Perdão* une ao mesmo tempo o toque regionalista a que fora orientada por Taunay e a sugestão editorial do representante do jornal, o senhor Antonio Lopes Cardoso, o que evidencia a concatenação do projeto literário de Anna Ribeiro às possibilidades impostas pelo mercado literário, não só em relação aos romances mais facilmente “aceitáveis” pelo público, mas pelo meio de comunicação mais recomendado para alcançá-lo, nesse caso a publicação em forma de folhetim. Com isso, a autora consegue alcançar suas leitoras, sem comprometer a essência de sua mensagem: o ideal de comportamento e de ação da mulher para manutenção ou mesmo adaptação do seu grupo social frente às mudanças que a Bahia vivia no final do século XIX. Alguns anos depois a tática da autora foi se utilizar de meios de comunicação especializados assumidamente voltado para um público feminino através das revistas *A voz* e a *Paladino do lar*, ambas as publicações da Liga Baiana das senhoras Católicas.

A última estratégia utilizada pela romancista baiana, foi o tom realista das tramas dos seus romances, influência das leituras dos romances europeus do século XVIII. Ribeiro lia freqüentemente esses romances desde a sua mocidade quando um monge amigo da família lhe emprestava. Os formatos dos romances que ela seguia em seus escritos corroboram com a visão enunciada pelo crítico literário Ian Watt, tanto na “reconstituição” do ambiente vivido quanto na nomeação quando se buscava a individualização e identificação dos personagens<sup>4</sup>. Seu intuito era buscar uma identificação da leitora com a leitura, garantindo-lhe, ao mesmo tempo, o cumprimento da função de “testemunho histórico” dos seus romances. O cruzamento das histórias contadas em seus folhetins com as memórias por ela escrita esclarece bem essa opção. Muitos sujeitos históricos que ela menciona em seu livro de memórias são nitidamente recriados nos enredos romanescos como é o caso de seu pai Mathias de Araújo Góes e sua correlação com o senhor Travassos pai da protagonista de *Letícia*, para citar um dos inúmeros exemplos. O comportamento, a personalidade, o tratamento com os escravos são idênticos e até a suas mortes são parecidas: enquanto o pai de Anna Ribeiro morreu doente por se negar a ir fazer tratamento na capital, o pai da personagem toma a mesma decisão. A expressão dos dois – sujeito histórico e personagem – frente aos escravos libertos após da abolição expressa o sentimento da elite frente à posição do governo, da qual se queixavam não terem sido devidamente ressarcidos. O tom realista de Anna Ribeiro em seus textos romanescos é uma oportuna fonte para entender as representações que elite fez sobre a experiência do final dos oitocentos. Sobre a forma realista

---

4. Ian Watt faz um estudo sobre os romances ingleses no século XVIII, utilizando como estudos de casos os escritores Defoe, Richardson e Fielding. Nesse estudo, esse teórico da literatura, faz uma apanhado sobre o romance enquanto gênero literário na Europa naquele período, em seus perfis e caracterizações básicas (WATT. Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo. Companhia das letras, 1990).

expressa Ribeiro certa vez afirmou:

O romance não é mais uma fantasia de imaginação para o divertimento das damas, porém sim uma obra séria, cujos detalhes são documentados e na qual os investigadores do século próximo irão encontrar escrita, dia a dia a história do nosso século (BITTENCOURT, 1911: 91).

Observa-se que para autora, o romance teria que oferecer uma leitura a qual seus apreciadores deveriam se identificar. Ele necessitaria ter também funções bem definidas, deveria focalizar a vida como ela era ou pelo menos como os autores a representavam. Deveria também mostrar a realidade e os problemas que essa apresentava, e deveria conter noções e posturas para superar as dificuldades que a classe senhorial enfrentava na Bahia dos fins do século XIX. Uma análise da produção dessa autora oferece uma fácil identificação de como ela se utilizava do realismo, no que tange a representação da realidade. Isso fica claro na composição do ambiente de suas tramas, pois suas histórias sempre se passam no Recôncavo Baiano. Seus romances registram por vezes acontecimentos históricos presenciados pela autora e a mais importante de tudo seus personagens são criação de sujeitos históricos que conviveram com ela. Pesavento (2004) reitera que tanto a história quanto a literatura são formas de explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro. Ela também afirma que se a intenção for utilizar tais textos nos moldes “oficiais” à literatura não terá muito a contribuir. Se por outro lado a intenção do historiador for o resgate das representações passadas, as significações e formas de enxergar o mundo em um dado período, a literatura é uma das fontes privilegiadas. Por certo a função da escritora baiana não era se remeter às representações de seu tempo e sim documentá-las da forma mais positivista, segundo as leituras que fazia na Faculdade de Medicina da Bahia, porém isso só fez enriquecer sua literatura enquanto fonte para os historiadores do nosso tempo, os chamados historiadores da cultura.

A atuação de Anna Ribeiro no cenário literário dominante não foi passiva, nem débil. Muito pelo contrário, ela soube transitar dentro das limitações impostas pelo cânon dominante e soube também se aproveitar da sua posição social para conseguir construir sua trajetória literária. Outras mulheres também se aventuram diante do difícil, mas não impossível desafio de transitar num mundo dominado pelos homens, como a escritora Amélia Rodrigues, a quem Anna Ribeiro considerava como uma de suas mestras. Essas e outras mulheres formaram nesse período o que a historiadora Márcia Barreiros chamou de “rede de solidariedades femininas” em sua tese de doutorado em História *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*, publicado em forma de livro pela editora Quarteto em 2004. Essa “rede de solidariedades” ajudou a compor uma “frente de batalha” contra as “inovações vindas de fora” e a “depravação moral da sociedade”. Na década de 1910, esse mesmo grupo publicaria as primeiras revistas femininas publicadas e editadas predominante por mulheres *A voz* e a *A paladina do Lar*.

As críticas e os comentários dos principais autores baianos da época sobre autoras como Anna Ribeiro, dão a impressão de que as mulheres que se inseriram no mundo das letras naquele período e que buscaram uma não concorrência com o mercado literário hegemônico, tiveram

bons resultados e não foram “silenciadas” como sugere Nancy Vieira Fontes em sua dissertação sobre Anna Ribeiro. Fontes sugere que a autora oitocentista teria sido “esquecida” da literatura baiana por ser a primeira mulher a escrever em prosa naquele estado, sofrendo assim com o preconceito em mundo dominado pelos homens e que as autoras femininas teriam sido “silenciadas” pelo cânon dominante eminentemente preconceituoso e machista.

Um olhar atento sobre a trajetória de escritoras como Anna Ribeiro, mostra que ela esteve no cenário literário por várias décadas, publicando em vários meios de comunicação, inclusive livros encadernados em editoras de Salvador. Se ela foi “silenciada” como conseguiu produzir por tanto tempo? Como conseguiu publicar tantos trabalhos? Como já foi apontado anteriormente, pelo menos durante o período de sua atuação no cenário literário ela se manteve dentro do mercado literário, em seguimento que não comprometia o mercado hegemônico, e talvez por isso pode se desenvolver. Anna Ribeiro soube permear esse mercado, tinha consciência do domínio masculino naquele mundo e não o negava, mas sabia como transitar por ele, conseguindo aquilo que julgava necessário para cumprir sua “missão literária”.

Enquanto ao tal “silenciamento” do cânon literário, basta lembrar que se as autoras baianas oitocentistas não estão nos livros de literatura da atualidade, os autores baianos também não estão. Se as mulheres escritoras do período referido foram segregadas do cânon brasileiro, os escritores que não pertenciam ao eixo do centro-sul, ou não se enquadravam nos moldes estabelecidos também foram da mesma forma excluídos.

#### BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. “A leitura: uma prática cultural”. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BURKE, Peter. *Variiedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. (org.). *História Contada*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, S. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CULLER, Jonathan. “Leitores e leituras”. In: CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução: Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa, Deferiu, 1990.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros*. Tradução de Mary Del Fiori. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

CALMON, Pedro. *História da literatura baiana*. Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, 1949.

COSTA, Afonso. *Poetas de outro sexo*. Rio de Janeiro: IGHba., 1930.

DARNTON, Robert. “História da leitura”. In: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspec-*

tivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

FREIRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 15ª ed. São Paulo: Global, 2004.

FONTES, Nancy Rita Vieira. *A bela esquecida das letras baianas: a obra de Anna Ribeiro*. Orientador: Profa. Dra. Ívia Iracema Duarte Alves. Salvador, 1995. Mestrado em Letras (UFBA), 1999.

FIGUEIREDO, Eurídice e NORONHA, Jovita. "Identidade nacional e identidade cultural". In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de identidade e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GEERTZ, Cliofford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LEITE, Márcia Maria Berreiros. *Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)*. Salvador: Quarteto, 2005.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Bahia século XIX: uma província no Império*. 2ª ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". *Estudos Históricos*, nº 10, Teoria e História. Rio de Janeiro, FGV, 1992.

ROCHA, Carlos Eduardo da. "Anna Ribeiro de Góes Bittencourt, a primeira romancista baiana". *Revista do Conselho Estadual de Cultura*, Salvador. 1981.

REIS, Adriana Dantas. *Cora: lições de comportamento feminino na Bahia do século XIX*. Salvador; Centro de Estudos baianos da UFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado, violência*. 1ª ed. Persar Abramo. São Paulo. 2004

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Modernidade, identidade e a cultura de fronteira". In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

SCHUMAHER, Shuma e BRASIL, Érico Vital (org.) *Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

WATT. Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo. Cia. das letras, 1990.